

Apresentação de “Tese para a dialética como método de exposição (no ‘Capital’ de Marx)”

JORGE GRESPAN

O artigo de Hans Friedrich Fulda, cuja tradução *Crítica Marxista* publica neste número, foi veiculado, originalmente, no *Anuário Hegeliano (Hegel Jahrbuch)* de 1974. Este artigo forma, juntamente com “Zur Dialektik der Wertform” de Hans-Georg Backhaus, com “Krise der Macht” de Michael Theunissen e com “Sobre a estrutura lógica do conceito de capital em Karl Marx” de Helmut Reichelt, este último livro publicado em português pela Editora da Unicamp em 2013, as bases de uma vertente marxista importante na Alemanha, chamada de “Nova leitura de Marx”. Ao contrário dos demais textos indicados, o escrito por Fulda é bastante condensado e sintético, mas percebe-se sem dificuldade alguns dos seus traços fundamentais.

O ponto fundamental do artigo é voltar ao conceito de contradição como eixo da relação entre Marx e Hegel. Mas, mais do que isso, ele diz que a inversão do conceito de contradição de Hegel por Marx, conforme aparece no Posfácio da segunda edição de *O capital*, não implica apenas que a dialética incida sobre um outro objeto, distinto do hegeliano, ou que coloque no lugar a relação entre base e superestrutura, que Hegel teria invertido. O novo objeto força, para Fulda, a uma mudança na forma da dialética, na lógica mesma da contradição. Para explicar essa inversão, que não é um mero colocar de cabeça para cima o que Hegel teria colocado de cabeça para baixo, Fulda apresenta uma metáfora que mais tarde se tornaria bem conhecida – a de uma luva que se tira e recoloca. Fulda percebe um outro significado no verbo usado no Posfácio de 1872 para definir a inversão da dialética. O verbo empregado por Marx é *umstülpen*, que quer dizer inverter, mas também virar do avesso; ao se descalçar uma luva, ela fica do avesso, e para

calçá-la de novo é preciso desvirá-la do avesso. Seria isso que Marx teria feito com a dialética de Hegel. Isso quer dizer que, do ponto de vista da forma da dialética, Marx inverte a própria relação entre identidade e diferença – constitutiva da contradição – tal como aparece em Hegel. Em Hegel, o que está por fora (na luva virada ao avesso) é a diferença, e a identidade é que está no interior. Em Marx, a identidade está por fora e a diferença, por dentro. É a diferença que determina, em primeiro lugar, a identidade; mesmo que, em seguida, a identidade também determine dialeticamente a diferença.

Tal inversão na forma está relacionada à inversão do conteúdo, que é a crítica da sociedade burguesa. Em Hegel, a diferença (de grupos sociais, de indivíduos) é o aparente, mas a identidade dialética é que está por trás dessa diferença, relacionando a todos com base no princípio burguês da igualdade, transposto, por exemplo, no Código Civil de Napoleão Bonaparte, que Hegel admirava. Em Marx, ao contrário, a igualdade é o aparente, determinado pela desigualdade social de classe no fundo, ou no interior da luva, como na metáfora de Fulda. A *Umstülpung*, o gesto de desvirar do avesso a dialética, revelaria esse elemento fundamental no conteúdo da crítica de Marx à concepção hegeliana da sociedade civil e à sociedade civil mesma. Ele explicaria o sentido das famosas palavras do Posfácio, de que “na sua forma mistificadora, a dialética foi moda na Alemanha porque ela parecia transfigurar o existente”, enquanto “na sua figura racional [...] ela inclui no entendimento positivo do existente, ao mesmo tempo, a sua negação”. Em vez de procurar o elemento positivo em tudo de negativo que há, por exemplo, na história, conforme dito textualmente por Hegel na sua *A razão na história*, a dialética de Marx, “crítica e revolucionária”, encontra “a negação” no “existente” positivamente entendido. De modo dialético, conteúdo e forma se constituem reciprocamente.

Fulda apresenta esses conceitos na forma de teses, algumas expostas com muita concisão, para deixar claro o seu propósito. Não se trata de um texto argumentativo, que pretende desenvolver e demonstrar uma interpretação de Marx, mas de um todo coerente de ideias que ambiciona indicar e sugerir novas possibilidades de leitura para textos muito conhecidos. Depois da publicação das teses de Fulda, nos anos 1970, muita coisa foi escrita. Reichelt lançou em 2008 um livro importante, ainda inédito em português, justamente chamado de *Novas leituras de Marx (Neue Marx-Lektüre)*. E há os textos de Michael Heinrich, Werner Bonefeld e Jan Hoff. Mas sem o artigo de Fulda que o leitor de *Crítica Marxista* tem agora em mãos, nada disso teria sido possível.